

# Selic pode cair rápido

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O operador do mercado financeiro Mário Gomes Torós só fez aumentar a expectativa em torno de sua chegada ao Banco Central, onde responderá pela diretoria de Política Monetária. Na sabatina de ontem na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) não apenas seduziu os senadores, que o aprovaram com 24 votos a favor e três contra, como deixou a impressão no Palácio do Planalto de que, com ele no Comitê de Política Monetária (Copom), a taxa básica de juros (Selic) voltará a cair mais depressa. A flexibilidade demonstrada por Torós — um contraste frente ao conservadorismo de Rodrigo Azevedo, que está deixando o BC — ficou evidente quando questionado sobre o futuro da Selic. “As taxas de juros no Brasil estão caindo e podem cair muito mais ao longo das próximas reuniões do Copom. O Brasil não está condenado a viver mais tempo com juros tão elevados”, afirmou.

Para não criar problemas com seu futuro chefe — o presidente do BC, Henrique Meirelles —, Torós fez as costumeiras ressalvas do banco. “É preciso cuidado, cautela, prudência na redução dos juros, para que a inflação permaneça sob controle”, disse. Ele assinalou que, depois dos cortes promovidos pelo Copom — foram 7,25 pontos

percentuais desde setembro de 2005 — a política de juros está entrando em uma nova seara, o que exige análise mais precisa nos dados divulgados entre as reuniões do Comitê, que ocorrem, em média, a cada 44 dias. “O patamar de juros no país mudou. Diziam que as taxas não poderiam cair abaixo de 19%, e caíram. Depois, falou-se que o piso era 15% e ele foi rompido. Tudo indica que novos patamares serão superados”, destacou. “Mas temos de fazer tudo para que os ganhos conquistados se consolidem”, emendou.

## Compulsórios

Apesar do tom positivo de seu discurso, Torós não quis se comprometer com desejos, como o do presidente Lula, que gostaria de ver a Selic em 10% no final do ano, nem com grupos que se formaram no BC: o dos conservadores, que, com quatro votos, saiu vencedor na reunião deste mês do Copom, quando a Selic recuou apenas 0,25 ponto, para 12,50% ao ano, e o dos liberais, que garantiu três votos para uma redução de 0,5 ponto. “De qualquer forma, saberemos de que lado o senhor ficou na ata da próxima reunião do Copom”, frisou o senador Aloizio Mercadante (PT-SP), presidente da CAE.

Torós falou ainda de um tema polêmico, dos depósitos que os bancos são obrigados a recolher compulsoriamente

para o BC. Segundo ele, a atual estrutura dos compulsórios é complexa demais e só contribuiu para encarecer os empréstimos bancários. “É uma tarefa pendente a ser enfrentada pelo BC, para fazer com que o crédito seja tomado a um preço justo”, afirmou. A medida nos compulsórios terá, contudo, de vir acompanhada de uma redução dos impostos que incidem sobre os emprésti-

mos. “Assim, o *spread* bancário (que inclui o ganho das instituições financeiras) cairá mais rapidamente”, afirmou.

Na avaliação do futuro diretor do BC, a competição no sistema bancário brasileiro ainda é pequena e precisa aumentar. Ele disse que o crédito consignado (empréstimos com desconto em folha) ajudou a melhorar a competitividade e a reduzir o *spread* bancário, mas não na

proporção que ele imaginava. “Não vamos, porém, resolver os problemas com tabelamento ou congelamento, pois o BC não tem poder de polícia e medidas como essas não funcionam”, enfatizou. Torós está convencido de que os brasileiros já se endividaram demais e que, daqui por diante, o crédito que ajudará a alavancar o crescimento econômico será o destinado à compra da casa própria.

Carlos Moura/CB



MÁRIO TORÓS FOI APROVADO PELO SENADO E OCUPARÁ A DIRETORIA DE POLÍTICA MONETÁRIA DO BC